

## GENTE DA CIDADE



Ruth de Souza,  
artista

RUTH PINTO DE SOUZA nasceu no Engenho de Dentro, de pai mineiro e mãe carioca, e, ainda de colo, foi morar em um pequeno sítio de seu pai, na estação de Laranjeiras, Estado do Rio, perto de Minas, à margem do Paraíba. Ali ficou até os 9 anos e se lembra de brincar na beira do rio, de plantar arroz e fazer os pequenos serviços que menina de roça faz. Quando o pai morreu, a mãe, para sustentar Ruth e mais duas crianças ainda menores, veio para Copacabana ser lavadeira. Moravam na rua Constante Ramos, e a menina foi para a escola pública; matriculou-se no Grupo Escolar Júlio de Castilhos, que era aonde hoje é o Cócio Barcelos; terminado o curso primário foi internada no Colégio Santa Margarida Maria, na Tijuca, onde fez todo o ginásio.

— Você queria ser freira, Ruth?

Responde que não, mesmo porque gente de cor não pode ser feita. Mas de tôdas as restrições que sofre por causa da cor esta é, afinal, a que menos magoa Ruth; queria sair do colégio e conhecer a cidade, o mundo. Aos 18 anos começou a trabalhar e passou por vários escritórios comerciais e um consultório dentário; a certa altura empregou-se como caixa do restaurante da Casa do Estudante do Brasil, e foi ali que recebeu um convite para trabalhar no Teatro do Negro, fundado por Abdias Nascimento. Estreou em "O Imperador Jones" e fez mais duas peças de O'Neill, "Todos os filhos de Deus têm azas" e "O moleque sonhador"; depois "O filho pródigo", de Lúcio Cardoso e "Aruanda", de Joaquim Ribeiro. Passando para os Comediantes, Ruth trabalhou em "Terra do Sem Fim", adaptação teatral de Graça Melo do romance de Jorge de Lima; teve tanto êxito nesse papel que a Atlântida a convidou para trabalhar em "Terra Violenta", filme inspirado no mesmo romance. Nessa companhia fez mais dois filmes, "Também somos irmãos" e "Falta alguém no manicômio". Vendendo a trabalhar, Cavalcanti convidou-a para a Vera Cruz. Pelo seu papel em "Terra é sempre terra" ganhou o prêmio da Associação dos Críticos Cinematográficos, como coadjuvante. Voltou a ganhar o mesmo prêmio e mais o "Governador do Estado" pela sua atuação em "Angela".

Em 1951, uma surpresa feliz: a Fundação Rockefeller ofereceu-lhe uma bolsa para estudar teatro nos Estados Unidos, durante dez meses. Ficou cinco meses em Karamu House, Cleveland, Ohio, trabalhando como atriz, contra-regra, assistente de direção; depois dois meses na Universidade de Harvard, fazendo teatro com os estudantes e três meses em New York vendo peças e assistindo a ensaios. Viu os grandes, Lawrence Olivier, Vivian Leigh, José Ferrer, e ainda ia passar uma pequena temporada no Canadá quando a Vera Cruz a chamou para "Sinhá Môça".

Ruth guarda de sua viagem aos Estados Unidos recordações esplêndidas; vivia em um meio cultural



## UM CARTEIRO

HERMENEGILDO CHAVES (o velho e querido Monzeca) me contou a história de um carteiro de Montes Claros que ficava irritadíssimo quando aparecia uma carta com o endereço assim: "Montes Claros — E. F. Central do Brasil — Estado de Minas Gerais". Ficava irritadíssimo com aquela referência à Central. Então para uma carta chegar a uma cidade importante como Montes Claros era preciso mencionar a estrada de ferro? O carteiro entregava a carta de má vontade e chamava a atenção do destinatário: — "Veja só. Esse sujeito está querendo fazer pouco de Montes Claros!"

(Aliás eu também fui acusado disso, mas foi tudo intriga de Marques Rebêlo, que inventou esta minha opinião sobre Montes Claros: "bom lugar para se fazer uma cidade". Eu até defendi Montes Claros contra um português que era o concessionário da energia elétrica e não acendia as lâmpadas em noites de lua cheia, por economia: um cavalheiro que explorava o próprio luar do sertão).

Na minha infância conheci um velho carteiro que era a melhor alma do mundo. Conhecia toda a gente. Conhecia tão bem que até podia imaginar o conteúdo das cartas que entregava — e as entregava com uma cara de circunstância. Se uma pessoa da família viajava e, dias depois, vinha uma carta, ele chegava sorridente, abanando o envelope, com um sorriso que dizia com a maior clareza:

— "Olhe, dona Candinha, a Josefina já escreveu".

E ao longo dos anos, vestindo sempre o seu surrado uniforme cáqui, andando de casa em casa, se interessando pela saúde dos membros de cada família — era como se ele próprio fosse um membro de tôdas

as famílias. Aos meus olhos de menino ele era um personagem importante, uma autoridade cordial e poderosa, e de algum modo as cartas eram coisas suas, que ele podia trazer ou não. Só uma coisa o irritava: era gente que escrevia para "Cachoeira de Itapemirim" em vez de "Cachoeiro de Itapemirim".

— "Cachoeiráá. Tenho vontade de rasgar essa carta. Boa coisa não há de ser. Gente que escreve para aqui e nem sabe o nome da cidade só pode ser por interesse. Garanto que isso é para pedir alguma coisa ou propor algum negócio embrulhado. Se fosse para mim eu rasgava sem ler!"

Durante toda a minha infância vi-o andar léguas e léguas, milhares de léguas, no seu passo lento, sob o sol e a chuva. Depois veio um outro estafeta. E me lembro que uma vez, em um bairro pobre da cidade, parei por acaso à porta de um barraco miserável. Lá morava o antigo carteiro, e falou comigo. Estava magro, desfigurado, e assim à paisana ele me pareceu infinitamente absurdo e infeliz, como um rei deposto. O interior da casa onde se amontoava uma família triste, era de uma pobreza desoladora.

Era um funcionário público. Tinha sido roído pelos seus intermináveis anos de sol e de chuva e morreu algum tempo depois, de tuberculose, deixando a mulher e os filhos com um montepio ridículo. Era um funcionário público, e me lembro dele quando ouço alguém atacar os funcionários públicos sem abrir exceções, sem pensar nesses que trabalham de verdade, trabalham a vida inteira e fazem parte da própria alma, da própria vida deste país a que servem — como aquele carteiro amigo que era a ligação viva de Cachoeiro com o resto do mundo.

M 149  
RN 13  
C. Povo 17.6.84  
DN 23.4.48  
CM 6.9.53  
ep 28.12.60  
UH 19.4.74  
CM 6.8.51  
JB 14.10.64

em que de maneira alguma se fazia sentir o preconceito de raça, aprendeu muito, e fez boas amizades. "Sinhá Mõça" valeu-lhe o "Sacy" de 1953; funcionou depois em um filme menor, "Candinho" e durante um ano fez teatro na Televisão Record. Está agora no Rio, ensaiando "Paiol Velho", de Abílio Pereira de Almeida (com Cacilda Becker, Luísa Barreto Leite, Luís Linhares e Eugênio Kusnet, direção de Zieminski) que o TBC vai estrear no dia 2 de março, no Ginástico. Faz um papel muito pequeno. É raro haver papéis melhores para uma pessoa de cor nas peças dos brancos; o Teatro do Negro acabou e Ruth tem de se conformar com sua falta de "chance".

"Felizmente até hoje tenho tido trabalho. não quero sair do teatro nunca; teatro é a minha felicidade".

O momento melhor de sua carreira foi a estréia de "Sinhá Mõça" no Art Palácio de S. Paulo, e dos momentos tristes e decepções prefere não falar. Sim, pretende casar, mas hesita sobre se terá coragem de lançar filhos neste mundo às vezes tão cruel. Não sabe nadar e tem muita vontade de aprender; anda de bicicleta, lê muito romance (uma preferência: Emily Bronte), sabe fazer uma boa peixada, é católica, mas tem todo o respeito por lemanjá e não frequenta nenhum terreiro porque tem medo. Fuma demais, bebe alguma coisa, e desenvolveu de algum tempo a esta parte algo parecido com claustrofobia. Não anda mais de avião nem de elevador. Prefere o trem de ferro e a escada. Já tinha essa mania quando, há coisa de um mês, foi obrigada a tomar um elevador, porque a escada estava fechada: o bicho enguiçou entre dois andares e ela ficou sôzinha, no escuro, mais de uma hora, de madrugada. Adaptou-se muito bem em S. Paulo, acha que lá há mais respeito por quem trabalha que no Rio, e muito menos piadas de mau gosto por motivo da cor. Acha péssimo envelhecer, mas não faz a menor questão de esconder a idade: tem 33. E música? "Chopin, batucada, gosto de tudo, música me põe doente e me faz bem".

R. B.

## A POESIA É NECESSÁRIA



## SONETO

GILBERTO AMADO

Porque sorris assim, moça bonita,  
A quem não pode ser teu namorado  
Porque me olhas assim tôda esquisita  
Com um ar que não é bom, um ar de pecado!

Menina, não me tentas! Acredita:  
Não será meu, te juro, o triste fado  
De acabar como acaba o sibarita  
Em amôres senis enrodilhado.

O prazer despedi da minha porta  
Por onde o amor rondou constantemente  
Reina a paz do senhor na minha casa.

Não lances achas na fogueira morta  
Deixa a cinza dormir tranqüilamente  
Aquecida ao calor da última braza.



## Soirée

IBRAHIM SUED

Neste flagrante no Salão Verde do Copa, o cronista, Elaine Stewart, sra. Dolores Guinle, Mercedes Mc Cambridge, Walter Pidgeon tocando piano e srs. Otávio Bomfim, Harry Stone e Jorge Guinle.

● **A CONVITE** desta coluna, Elaine Stewart foi conhecer São Paulo. Nossa intenção era ficar um dia: ficamos três, não resistimos à hospitalidade paulista... Em nossa rápida passagem por lá, tivemos um simpático "anjo da guarda", o colonista Matos Pacheco, "rei da noite", homem que sabe tudo e conhece todo mundo.

● **NO BONITO APARTAMENTO** da glamourosa sra. Beatriz Amaral (Beá), tivemos um elegante "cocktail". A nossa "hostess", recebendo com muito bom gosto, reuniu um pouco da sociedade paulista. A srta. Carmen Solbiati, com o sr. Ricardinho Fasanelo. Carmen estava muito noiva: falando pouco, sentadinha em um sofá. O cronista Cornélio Procópio funcionava com seu fotógrafo. A sra. Maylé D'Orey Street era uma das mais elegantes e a sra. Nenen Barouquel estava muito Nelito de Almeida... O nosso amigo Osvaldo Vidigal (atualmente "in love" com a srta. Sônia Carneiro, Miss Bangu) palestrava em todos os grupos, e o sr. e sra. João Batista Amaral (Pipa), o casal mais Rio-São Paulo do momento, também estavam presentes. O sr. Paulo de Aquino estava como sempre Paulo de Aquino. Havia outras pessoas presentes, como os casais Ralf Fiocarti, Felix Kovarick, sras. Stela Cerqueira César e Yolanda Coimbra. Depois, esticamos no "Meninão", convidados por Osvaldo Vidigal, onde existe um "show" fraquíssimo, mas, para compensar, existe a simpatia do Meninão, seu proprietário.

● **NO DIA DO** aniversário da simpática e elegante sra. Jorge Prado, tivemos o prazer de participar de um almoço íntimo em sua bonita residência. Doze pessoas. Marjorie e Jorgito, com sua filhinha Veridiana, receberam-nos com a perfeição de sempre. Nesse almoço, a estrelinha de Hollywood teve oportunidade de conhecer de perto, sem os atropelos dos fãs, a hospitalidade da boa sociedade paulista (400 anos e tudo). Conosco, almoçaram o sr. e sra. Antônio Prado Júnior, sr. e sra. Eduardo da Silva Ramos, sr. e sra. Carlos Chambers de Sousa e o sr. Matos Pacheco.

● **À NOITE**, o sr. e sra. Carlos Mendonça receberam para festejar o aniversário de Mar-

jorie. Também estivemos no elegante apartamento dos Mendonça. Lá encontramos o sr. Carlão Mesquita, com sua bonita noiva, srta. Marjorie Gimmel. Sr. e sra. Jayme da Silva Teles. Sra. Mariazinha Monteiro (que está muito preocupada com seu divórcio). Srta. Cuqui Montfort. Sr. Raul Loebe. A elegante srta. Carmen Alves Lima. Srs. Obe Sousa Carneiro, Nelson Viana, José Stefano (perguntando novidades do Rio), Jean Claude (muito "in love" em Buenos Ayres) e Roberto Assunção, como sempre, muito simpático. Foi como todos os acontecimentos, com champanhota e tudo. Depois terminamos em um "night-club".

● **UMA DESSAS NOITES**, os srs. Obe Sousa Carneiro e Nelson Viana nos mostraram a noite. Estivemos no bar do Comodoro e tive o prazer de rever a sra. Alberto Alves Filho, que, na opinião de Elaine, é uma das mulheres mais bonitas que ela conheceu no Brasil. Fomos jantar no "Studium" do Janguá, um dos lugares simpáticos e elegantes de São Paulo. Lá também, estavam os casais Marcos Monteiro de Barros, com o casal carioca.

Terminamos no "Oasis", onde o "show" também é fraco, mas compensa com o excelente e simpático cantor, que, além de assobiar, canta em francês, inglês, espanhol e tudo. É a força do "Oasis", o "Vogue" do Rio poderia contratá-lo. Em todos esses acontecimentos, fotógrafos, rádio, televisão e muita imprensa. Era a presença da jovem atriz americana em São Paulo, que também visitou a redação do "Estado de São Paulo".

● **O QUE SE COMENTA** em São Paulo: O romance de Carlão com a bonita Marjorie. A visita que a cegonha fez à sra. Ricardo Vidigal. Os fins de semana em "Pernambuco". O casamento do ator Hélio Souto com a srta. Maria Helena Morganti. E que a figura mais antipática do "Nick-Bar" é o sr. Tom Payne, que é casado com uma das atrizes mais simpáticas do cinema nacional.

● **É SÓ**. Ginger Rogers e seu marido Jacques Bergerac assistiram ao carnaval a meu convite. Houve muitas festas. Mais tarde eu explico, ou se vocês não se importarem, depois eu conto. Até quinta.